

Retomando a técnica ativa: Cem anos de Sándor Ferenczi e os desafios da clínica atual

Marcell Felipe Alves dos Santos

Ao longo do meu percurso na psicanálise, uma pergunta insiste: ainda podemos recorrer à técnica ativa? Este trabalho retoma esse recurso como uma via clínica capaz de favorecer o encontro do paciente consigo mesmo, sobretudo quando a análise se vê paralisada pelo bloqueio do afeto. Não desconsidero o recuo histórico de Ferenczi, nem os riscos de diretividade excessiva e violência simbólica implicados em seu uso. Sustento, porém, que o perigo não reside propriamente na técnica, mas no manejo do analista e em seu narcisismo. Afinal, o paciente pode submeter-se ao analista pela própria força da transferência, com ou sem técnica ativa. Nessa perspectiva, a técnica ativa aparece como um modo de ofertar ao analisante acesso à própria frustração. Para sustentar essa hipótese, apresento brevemente um caso clínico que evidencia sua eficácia quando empregada com medida e tato.

Palavras-chave: técnica ativa; Ferenczi; transferência.